

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

PROJETO CONEXÃO LOCAL (CL)

A FIGURA FEMININA NA ATIVIDADE PESQUEIRA:

Como as precariedades nas trajetórias das marisqueiras de Canavieiras impactam na sua
consolidação como mulher empreendedora

IRIS DAMACENA DE CARVALHO
LORENA SOARES PEREZ

ÍCARO CÉLIO SANTOS DE CARVALHO
ISABELA BALEEIRO CURADO

SÃO PAULO
2019

“Minha pobreza tal é
que não trago presente grande:
trago para a mãe caranguejos
pescados por esses mangues
mamando leite de lama
conservará nosso sangue.

Minha pobreza tal é
que coisa alguma posso ofertar:
somente o leite que tenho
para meu filho amamentar
aqui todos são irmãos,
de leite, de lama, de ar.

Minha pobreza tal é
que não tenho presente melhor:
trago este papel de jornal
para lhe servir de cobertor
cobrindo-se assim de letras
vai um dia ser doutor.

Peixe pescado no Passarinho,
carne de boi dos Peixinhos.

Siris apanhados no lamaçal
que já no avesso da rua Imperial.

Mangas compradas nos quintais ricos
do Espinheiro e dos Aflitos.

Goiamuns dados pela gente pobre
da Avenida Sul e da Avenida Norte”.

(MELO NETO, 2007)

CARVALHO, I. D; PEREZ, L. S (2019). **A figura feminina na atividade pesqueira:** como as precariedades nas trajetórias das marisqueiras de Canavieiras impactam na sua consolidação como mulher empreendedora. Relatório final (Projeto Conexão Local - 2019) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (EAESP/FGV), São Paulo – SP/Brasil.

RESUMO

Neste relatório realizou-se um estudo analítico sobre a atividade empreendedora da mulher marisqueira em Canavieiras, Bahia. Este estudo é resultado do Projeto Conexão Local da Escola de Administração de Empresas de São Paulo / Fundação Getulio Vargas. A pesquisa buscou compreender as dinâmicas em atividades econômicas, profissionais e sociais que afetam a vida das mulheres marisqueiras na comunidade de pescadores na Bahia. Sendo a “mariscagem” uma atividade fundamental no contexto de diversas famílias da localidade, e desempenhado majoritariamente por mulheres. No entanto, uma série de dificuldades surgem na realização dessa atividade profissional, como: a) subjugação de gênero que permeia as atividades pesqueiras; b) falta de clareza entre o trabalho produtivo e reprodutivo; c) falta de infraestrutura adequada para a atividade profissional, entre outros. Nesta conjuntura, o estudo tem como objetivo explorar a influência da dinâmica do empreendedorismo feminino e das relações sociais no fortalecimento e profissionalização das mulheres marisqueiras. A metodologia utilizada tem inspiração etnográfica, direcionada à observações e descrições das atividades da comunidade, uma imersão que conecta o pesquisador ao objeto de pesquisa, sendo um importante método de abordagem qualitativa. Como resultado pôde-se realizar um conjunto de seis categorias de análise observadas. Este estudo visa contribuir com os objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS), propostos pelas Nações Unidas, principalmente no objetivo cinco: “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”, bem como com a visibilidade deste grupo minoritário e com a ressignificação das relações sociais e econômicas que afligem estas mulheres ribeirinhas.

Palavras-chaves: RESEX-AMEX Canavieiras. Empreendedorismo Feminino. Mulheres na Pesca. Hierarquia de Gênero. Trabalho Produtivo e Reprodutivo.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer, em primeiro lugar, aos integrantes da RESEX - AMEX por terem nos recepcionado de braços abertos. Agradecemos, imensamente, dona Elialda e dona Marlene por terem dividido conosco de sua comida e por terem nos recepcionado em suas casas - e também por toda paciência que tiveram conosco no manguezal. Ademais, agradecemos a generosidade de Geisiane e Carlinhos por terem nos recebido em sua casa no Atalaia e pelo convite para fazer parte de um momento tão especial: seu matrimônio. Também gostaríamos de agradecer a Lilian por todos seus ensinamentos e conversas. O carinho que mútuo desenvolvido foi inexplicável. Ainda, mandamos muito amor e agradecemos pelas risadas que compartilhamos com os moradores das comunidades ribeirinhas de Campinhos, de Puxim do Sul e do Atalaia. Agradecemos também ao GV Pesquisa por ter possibilitado nossa participação no Projeto Conexão Local, especialmente à Juliana, que nos ajudou e tranquilizou tanto ao longo da viagem. Além disso, agradecemos a professora Isabela Curado por ter viabilizado o contato com a RESEX-AMEX. Também agradecemos o nosso orientador, Ícaro Célio, que tanto nos ajudou na construção desse relatório e que esteve conosco nos melhores (e piores) momentos dessa jornada. Por fim, não podemos deixar de agradecer nossos parceiros de viagem, Gabriela e Arthur. De todo coração, muito obrigada!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. TEORIA	6
2.1 A perspectiva de gênero em espaços Públicos e privados	6
2.2 Empreendedorismo feminino	8
2.3 A construção da figura feminina na pesca	11
2.4 Histórico das reservas extrativistas	12
2.5 Histórico da RESEX-mar de Canavieiras	13
3. MÉTODOS	15
3.1 Caracterização populacional e socioeconômica	15
3.1 Procedimentos metodológicos	17
3.2 Procedimento de coleta e análise de dados	18
4. RESULTADOS	22
4.1 Análise dos resultados	24
4.2 Saúde e ecossistema	25
4.3 Acesso ao serviço público	27
4.4 Conflitos locais	28
4.5 Hierarquia de gênero	29
4.6 Grupo de fortalecimento feminino	31
5. CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório é fruto de uma análise das vivências da dupla durante o Projeto Conexão Local - iniciativa da FGV - EAESP que visa introduzir os alunos de graduação à pesquisa de campo. Sendo assim, o relato traz como objeto de estudo a atividade marisqueira exercida por uma Rede de Mulheres de Canavieiras, município localizado no sul da Bahia. Bem como, visa compreender as dinâmicas dessa localidade em atividades econômicas, profissionais e sociais que impactam a vida de mulheres empreendedoras.

A atividade marisqueira é parte fundamental da economia de diversas famílias na região, desempenhada majoritariamente pelas mulheres. Entretanto, há diversas dificuldades para a realização destas atividades, que se configuram como: a) subjugação de gênero que permeia as atividades pesqueiras; b) confusão entre trabalho produtivo e reprodutivo; c) falta de infraestrutura adequada; d) a figura do poder público; e) privação a políticas públicas, entre outros. No entanto, destaca-se uma articulação local para desenvolver e profissionalizar essa atividade artesanal, assegurando retornos financeiros para essas famílias, como também, fortalecendo os laços sociais que unem essas mulheres.

Esta articulação local configura-se como um movimento social em prol da preservação da Reserva Extrativista (RESEX), que consta com os territórios dos municípios de Canavieiras, Una e Belmonte. Para o melhor entendimento, este relatório visa dar enfoque a RESEX de Canavieiras - também conhecida como Associação Mãe da Reserva Extrativista (AMEX). Em vista disso, a Rede de Mulheres é um pilar constituinte da Associação com enfoque nas marisqueiras, tendo viés feminino - feminista. A Rede é, principalmente, um espaço onde se estabelecem as relações sociais, econômicas e institucionais entre as mulheres da Associação, possibilitando o partilhamento de motivações simbólicas, identitárias, culturais, políticas, entre outros. Essa estrutura justifica a necessidade deste estudo, que se concentra tanto no aspecto econômico da atividade marisqueira, mas também social que essas mulheres exercem.

Diante deste contexto, este estudo tem por objetivo analisar a influência da dinâmica do empreendedorismo feminino e das relações sociais na consolidação e profissionalização das mulheres marisqueiras de Canavieiras, Bahia.

A relevância desse estudo é poder contribuir com a visibilidade deste grupo minoritário e com a ressignificação das relações sociais e econômicas desempenhadas por essas mulheres ribeirinhas, ressaltar o papel catalisador do movimento social AMEX, bem como o funcionamento dos espaços públicos e privados nessa localidade, com foco no papel empreendedor das mulheres como principal potencializador do desenvolvimento local. Assim,

este estudo visa contribuir com o compromisso socioambiental da agenda internacional proposta pelas Nações Unidas (ODS), principalmente no objetivo cinco: “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” (NAÇÕES UNIDAS, 2019).

A compreensão da função que a mulher exerce na cadeia produtiva artesanal do aratu pode servir como um importante marco conceitual para a literatura de empreendedorismo feminino, principalmente associado às precariedades dessa cadeia produtiva e a atividade feminina. A partir disso, buscamos deflagrar o ciclo político-social e econômico da atividade marisqueira da RESEX – AMEX.

Além desta introdução, este relatório consiste numa revisão bibliográfica na segunda seção que resgata o que tem sido visto na literatura sobre empreendedorismo feminino e a relação dessa literatura com o objeto de pesquisa. A terceira seção trata dos métodos empregados na pesquisa, bem como o tipo etnográfico direcionado à observações e descrições das atividades realizadas na rotina da dupla – em relação ao conhecimento do movimento RESEX – AMEX – e quanto ao dia a dia das mulheres marisqueiras. Na quarta seção tem-se os resultados da pesquisa, e por fim, na quinta e última seção são levantadas as conclusões da pesquisa.

2. TEORIA

2.1 A perspectiva de gênero em espaços Públicos e privados

A divisão entre público e privado é estruturante da política e do pensamento político ao menos desde o século XVII e permanece, como um pressuposto não problematizado, nas correntes hegemônicas da teoria política contemporânea (BIROLI, 2010, p. 53). A crítica feminista estabeleceu conexões entre a subordinação das mulheres aos homens e a definição dos papéis de umas e outros nas diferentes esferas sociais. Nas sociedades burguesas, a antinomia entre liberdade civil e sujeição corresponderia à dualidade entre a esfera pública e a esfera privada (PATEMAN, 1993). As ambiguidades nos sentidos assumidos pelos termos dessa dualidade são apontadas por diversas autoras, que expõem a oscilação, nas vertentes hegemônicas da teoria política, das oposições entre Estado e sociedade e entre vida doméstica e vida não-doméstica, incluindo o âmbito econômico em uma ou outra dessas esferas (MACKINNON, 1989; PATEMAN, 1989).

Para Susan Okin, o público e o privado são vistos como partes interligadas de um ciclo de desigualdades entre os sexos (OKIN, 1989a, p. 133). O foco da autora tem sido em compreender a relação entre as tradições, o papel de homens e mulheres para sua reprodução e

as formas de dominação – patriarcalismo – que encerram. Também aqui, a dualidade entre o público e o privado é central. É na rotina doméstica, no espaço privado, que a correlação entre tradição e dominação feminina apresentar-se-ia de forma mais forte, limitando as possibilidades de autonomia, sobretudo, das mulheres. É por ser um dispositivo central da reprodução dessa dicotomia que, em sua estrutura de gênero convencional, a família acentua as descontinuidades entre as esferas pública e privada (organizando a intimidade, na esfera privada, em torno de valores para os quais é central a domesticidade feminina e definindo as relações na esfera pública como a interação entre indivíduos igualmente livres); Bem como as continuidades entre elas - diferenciando os papéis de homens e mulheres em cada uma dessas esferas, tornando complementares a participação dos homens na esfera pública e a determinação dos encargos das mulheres na esfera privada, sobretudo em sua responsabilidade pela criação dos filhos (BIROLI, 2010, p. 55).

Entretanto, segundo Okin (2010, p. 55), não existe um problema na família como instituição, o problema estaria na estrutura de gênero da família, que restringe as oportunidades das mulheres, em especial, e torna mulheres e crianças vulneráveis. A dualidade entre o público e o privado equivale, neste ponto, ao problema da divisão sexual do trabalho (BIROLI, 2010, p. 55). A divisão sexual do trabalho doméstico impõe às mulheres ônus que serão, então, percebidos como deficiências em outras esferas da vida (OKIN, 1989a, p. 133).

A conexão entre os aspectos doméstico e não-doméstico da vida é profunda e permeia todos os espaços e atividades (OKIN, 1989a, p. 126). As formas de definir – e restringir – o papel da mulher em uma dessas esferas organizam suas possibilidades de vida nas outras. Assim, a responsabilidade exclusiva pela gestão da vida doméstica corresponde, ao mesmo tempo, à vulnerabilidade na vida privada - em que os arranjos convencionais ou quase convencionais produzem desvantagens para as mulheres, que têm menos tempo e recursos para qualificar-se e investir em sua vida profissional, permanecendo dependentes ou obtendo rendimentos menores do que os dos homens; E na vida pública - em que as habilidades e afetos desenvolvidos pelo desempenho dos papéis domésticos serão desvalorizados e, em alguns casos, vistos como indesejáveis para uma atuação profissional satisfatória (BIROLI, 2010, p. 56).

A discussão sobre a vulnerabilidade das mulheres no casamento é um exemplo importante de como Okin (1989) percebe a interconexão entre as esferas e as especificidades dos arranjos familiares. Nas sociedades contemporâneas, a vulnerabilidade das mulheres é, em grande medida, produzida pelo casamento, como pode ser observado:

“Elas são primeiramente expostas à vulnerabilidade durante o período de desenvolvimento por suas expectativas pessoais (e socialmente reforçadas) de que serão as principais responsáveis pelo cuidado com as crianças, e que para preencher esse papel elas precisarão atrair e manter o suporte econômico de um homem, para cuja vida profissional se espera que elas dêem prioridade. Elas se tornam vulneráveis pela divisão atual do trabalho dentro de quase todos os casamentos atuais. Elas têm desvantagens no trabalho pelo fato de que o mundo do trabalho pago, incluído o profissionalizado, é ainda amplamente estruturado em torno da presunção de que “trabalhadores” têm esposas em casa. Elas se tornam ainda mais vulneráveis se são as principais responsáveis pelo cuidado com as crianças, e sua vulnerabilidade atinge um pico se seus casamentos terminam e elas se tornam mães solteiras” (OKIN, 1989a, p. 139).

De um lado, o foco na domesticidade e nos filhos não corresponde à valorização em outras esferas da vida. De outro, a posição do homem como provedor, inserida em um contexto de valorização social do sucesso econômico (que tende a ser ainda mais destacado quando é acompanhado de uma identidade profissional socialmente valorizada), reforça seu domínio e as possibilidades de exercer constrangimento na esfera doméstica. Em outras palavras, o dinheiro “do marido” desdobra-se em formas de valorização e de exercício de poder nas esferas não-doméstica e doméstica, enquanto o exercício continuado do cuidado com a família e do suporte à vida profissional do marido desdobra-se em restrições a uma atuação exitosa da mulher em outras esferas. As expectativas convencionais sobre o papel da mulher, especialmente aquelas que definem seu valor a partir da capacidade de cuidar dos outros e de renunciar a seus interesses, podem permanecer mesmo em meio a transformações na atuação e autopercepção das mulheres, assim como na multiplicação dos tipos de arranjo nos casamentos (BIROLI, 2010, p. 56).

Por fim, segundo Okin (1989) “uma esfera importante de divisão de muitos bens sociais, dos materiais aos intangíveis, a distribuição desses bens no âmbito da família, tem sido, historicamente, muito longe de justa”. A superação da estrutura de gênero e das formas de subordinação das mulheres que ela encerra depende da confrontação com as injustiças na família – apresentadas sob a forma da relação entre os papéis domésticos e as formas de segregação no mundo do trabalho e da relação entre a socialização em famílias com estrutura de gênero e os aspectos psicológicos da opressão.

2.2 Empreendedorismo feminino

Segundo Hisrich & Peters (2002), o empreendedorismo se caracteriza por uma capacidade de identificar oportunidades e criar algo inovador sob condições de incerteza, assumindo os riscos aí envolvidos. Ademais, acredita-se que o empreendedor de sucesso

assume riscos calculados, desempenha com responsabilidade suas ações, aprende com experiência e fracasso, tem elevado o nível de compromisso com o trabalho, é orientado para a qualidade e eficiência, é criativo, é persistente, dinâmico e autoconfiante (SEBRAE, 1995).

No Brasil, a participação da mulher empreendedora ganhou uma nova conotação. Dados fornecidos pelo relatório do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), em 2006, confirmam o crescimento da atividade empreendedora das mulheres na criação de negócios. O Brasil é o sexto colocado quanto ao empreendedorismo feminino. Ainda, no país, as empreendedoras inovam também na cultura organizacional, ao se colocarem como um contraponto à exclusão das mulheres do processo sucessório de empresas familiares, fato observado por Macêdo, Caixeta, Guimarães, Macedo & Hernandez (2004). A questão da criação e condução de firmas por mulheres brasileiras possui grande relevância social e econômica no âmbito das micro, pequenas e médias empresas, pois é neste contexto que se concentram os empreendedores brasileiros dos quais 46% são mulheres (GOUVÊA; SILVEIRA, 2008, p. 124-138).

Ao mesmo tempo em que cresce a atividade empreendedora das mulheres, cresce também a produtividade científica nesta área. Entretanto, Bruin, Brush e Welter (2007), mais recentemente, concluem que, embora os estudos relacionados ao empreendedorismo feminino tenham crescido, e ampliado sua área de pesquisa, ainda existe muito a ser pesquisado e muito a mudar: apesar de avançarem no entendimento do trabalho feminino e de adotarem uma perspectiva claramente incentivadora à atividade empreendedora feminina, é possível notar que a maior parte dos estudos sobre empreendedorismo feminino não problematiza – e até mesmo naturaliza – a desigual distribuição de poder entre homens e mulheres. É forte a tendência a tratar os rendimentos da atividade empreendedora feminina como complementar à renda familiar (MACHADO, 2009; MENEZES & BERTUCCI, 2009), assumindo-se que cabe ao homem o papel de provedor do lar e/ou que o trabalho feminino deve necessariamente ser devotado à família. No mesmo sentido, alguns analistas do empreendedorismo feminino também creditam às mulheres um estilo singular de administrar, fruto de um aprendizado originado na infância sobre valores, comportamentos e interesses tipicamente femininos (HIRSCH & PETERS, 2004; MUNHOZ, 2000; NUNES, 2006).

A ideia de que as mulheres têm necessidades, inclinações e capacidades para cuidar e se ocupar do lar, ao passo que os homens têm habilidades para atividades fora do lar, ou de prover, cria uma espécie de “armadilha social” (BARNETT, 2004).

Homens e mulheres se tornam prisioneiros de expectativas e comportamentos vinculados as ideais em relação a quem trabalha (“trabalhador ideal”) e quem cuida do lar (“dona de casa ideal”). A questão gera barreiras e desvantagens que atingem especialmente as

mulheres que são mães e que trabalham. Em relação a elas, há dois estereótipos que prevalecem: ou são percebidas como calorosas e pouco competentes, não merecendo novas oportunidades de emprego, de promoção ou de educação adicional, ou, ao contrário, são vistas como competentes e frias (CUDDY; FISKE; GLICK, 2004).

No entanto, um forte envolvimento em atividades produtivas fora do lar, bem como a dedicação e a participação ativa na administração da casa e nos cuidados com a família, faz parte da vida das mulheres contemporâneas. A chamada “dupla jornada”, que remete ao acúmulo de tarefas, públicas e privadas, constitui a origem de conflitos, problemas e desgastes (JABLONSKI, 1996; ROCHA-COUTINHO, 2003). Por isso, as análises realizadas com a crescente população de mulheres que exercem funções de liderança contribuem para enriquecer a compreensão da articulação entre esses espaços.

Em relação às empreendedoras, pesquisas têm demonstrado que elas buscam auto-realização pessoal através da criação e do comando de seus próprios negócios (JONATHAN, 2001; MOORE; BUTTNER, 1997). Observa-se que estratégias desenvolvidas por empreendedoras com filhos adolescentes são eficazes tanto para satisfazer suas próprias emoções quanto para satisfazer as necessidades de seus filhos (SHINDHUTTE; MORRIS; BRENNAN, 2001), sinalizando a conciliação das demandas profissionais, familiares e pessoais. As mulheres têm consciência da influência de seu papel como empreendedoras na vida pessoal, na família e na sociedade.

Segundo Gouvêa; Silveira (2008), é necessário que seja dado o devido destaque para as características pessoais que afetam a atividade empreendedora das mulheres - destacando-se a habilidade feminina em conciliar família e trabalho, embora sintam os efeitos estressantes da constante busca de equilíbrio entre os diversos papéis de mãe, dona-de-casa, esposa e empreendedora. Sendo afetadas pela limitação de tempo para destinar aos filhos, as mulheres acreditam que empreender oferece vantagens como maior liberdade, realização, autonomia e independência financeira, além dos efeitos positivos da satisfação com a atividade empreendedora sobre suas vidas.

Ademais, segundo Casimiro (2010):

Ao realizar atividades fora do agregado familiar, as mulheres podem ir adquirindo margens de autonomia que lhes permitam dar sentido as suas condutas e as relações sociais em que se inserem. A sua incorporação no mercado de trabalho, estruturado ou não, permite estabelecer uma nova relação com o social, oferecendo-lhes uma base para a sua valorização individual e social, a possibilidade de maior protagonismo nas instâncias de tomada de decisão o que não acontece, a maior parte das vezes, com o trabalho doméstico.

Nesse sentido, o empreendedorismo é visto, para as mulheres, como uma alternativa de geração de trabalho e renda, possibilitando-lhes ter controle do seu tempo, seu futuro e seu destino profissional (BULGACOV, CAMARGO, CUNHA, MEZA, SOUZA, TOLFO, 2010). Como pode ser visto:

O empoderamento efetivo das mulheres deriva de uma reformulação e desconstrução dos atuais esquemas políticos e sociais, através da participação ativa em movimentos, conscientização na sociedade, atuação nas instâncias governamentais e também com a criação de organizações da sociedade civil (associações). Tais aspectos correspondem às alternativas de sobrevivência de várias empreendedoras e suas famílias, sobretudo, as de baixa renda, pois levam demandas do âmbito privado para os espaços públicos, influenciando nos processos de tomadas de decisões (RUFINO, 2002, p. 15).

Contudo, infelizmente, ainda existem evidências de que as mulheres enfrentam desvantagens no campo do empreendedorismo em função do gênero, enfrentando estereótipos de inferioridade em relação aos homens, especialmente no acesso aos recursos financeiros, o que limita seu desempenho como empreendedoras (GOUVÊA; SILVEIRA, 2008, p. 124-138).

2.3 A construção da figura feminina na pesca

Segundo Woortmann (1992), a atividade pesqueira tende a privilegiar o sexo masculino, criando todo um aparato cultural identitário de que a pesca é destinada apenas para homens. Nesse sentido, as atividades femininas são silenciadas, mesmo quando estas contribuem consideravelmente para a subsistência de suas comunidades.

De uma maneira geral, os estudos de comunidades “pesqueiras” tendem a privilegiar os atores sociais masculinos, e o ponto de vista do homem. O discurso do pesquisador como que replica o discurso público dessas comunidades, cuja identidade se constrói sobre a atividade da pesca, concebida como masculina. Relega-se, assim, ao silêncio, as atividades femininas, mesmo quando estas contribuem substancialmente para a subsistência da comunidade. Isto significa que se ignora uma parte importante das atividades econômicas daquelas comunidades, isto é, a agricultura e a coleta. Ignora-se também os agentes sociais dessas atividades – a metade feminina das comunidades. E significa também que se deixa de lado uma parte do ambiente sobre o qual atuam esses grupos. Privilegiando o mar, desconhece-se a terra (WOORTMANN, 1992).

Segundo Alencar (1993), as mulheres depararam-se com um caminho que vai de encontro com as concepções apresentadas por Woortman (1992). Todas as atividades femininas no mar são definidas por elas como cargo de “pescadeiras”, dessa forma, há a predominância da cultura da pesca feminina.

No Nordeste do Brasil [...], as mulheres que realizam atividades de coleta de sargaço, caranguejos, etc. [...], as mulheres “marisqueiras” que realizam a pesca do camarão na

lagoa [...], e as mulheres que fazem a “pequena pesca” todas se autodefinem como “pescadeiras” [...]. Desse modo, essa “atividade feminina no mar”, de mulheres “que se autodenominam como ‘pescadeiras’, revela uma ‘pesca feminina (ALENCAR, 1993).

Furtado (1980), alega que a atividade pesqueira que sustenta a economia local é convencionalmente localmente como uma atividade eminentemente da esfera masculina. A mulher ajuda o marido em coisas mais simples, como numa tecelagem de rede ou na salga de peixe. Na região nordeste do Brasil, as mulheres que coletam “polvos, camarões e pequenos peixes que vivem nas pedras próximas aos currais”, tanto quanto as que coletam sargaço e caranguejo, ou “realizam a pesca do camarão na lagoa” (ou que eventualmente pegavam caranguejo no “mangal”) são todas mulheres que pescam e/ou coletam, no sentido ampliado de pesca, proposto nas análises recentes, o que Mariza Peirano (1975) chamou de “não-peixes” (PEIRANO 1975, ALENCAR 1993; MOTTA-MAUÉS 1993).

Neste sentido, para o saber local, elas não pescam, e, por isso mesmo, não se autodefinem ou “não se reconhecem” como pescadoras, sem aspas e sem ambiguidades, mas sim como pescadeiras (ALENCAR, 1993; MANESCHY, 1995). Como pode ser observado no trecho:

A classificação do espaço, opondo o mar à terra, é central para a identidade do grupo como um todo, e corresponde à oposição homem/mulher. Ela não é uma oposição simétrica, mas hierárquica, pois implica relacionar a parte com o todo. Mais que uma oposição lógica, é uma oposição ideológica [...]. A atividade do homem-pescador é completa porque ele “é” a comunidade total, pois a identidade masculina constitui a identidade do grupo [...]. Se a complementaridade era (no passado dos grupos estudados) equilibrada, era também hierárquica, e era, e ainda é, a atividade do homem (que é o pescador) que fazia a especificidade desses grupos (WOORTMANN 1992: 58).

Todo esse contexto implica na dificuldade de explicitação “nativa” de uma identidade feminina de pescadora. Isso se deve porque existem oposições lógicas relacionadas a hierarquia e questões ideológicas, em que o homem pescador é concebido como uma comunidade total, pois a identidade masculina fundamenta a personalidade do grupo.

2.4 Histórico das reservas extrativistas

Para entender o conceito de Reserva Extrativista, primeiramente faz-se necessário caracterizar o conceito de “população tradicional”. Segundo Little (2002), o conceito de “população tradicional” sob a ótica da dimensão fundiária, pode englobar povos que (i) defendem seus territórios da usurpação cometida por outros grupos sociais, (ii) grupos sociais

residentes ou usuários de Unidades de Conservação de Proteção Integral e (iii) grupos distintos que historicamente mostram formas sustentáveis de exploração dos recursos naturais.

Assim, tem-se as Reservas Extrativistas (RESEX) como espaços territoriais protegidos cujo objetivo é a proteção dos meios de vida e cultura de populações tradicionais, bem como assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da área. O estado do Acre foi o berço da reserva extrativista, uma consequência do movimento dos seringueiros, liderado por Chico Mendes. Esse tipo de reserva surgiu em 1987 como um instrumento para assegurar os direitos de uso da terra, atendendo, particularmente, às comunidades que sofrem invasão e destruição de suas florestas com a construção de rodovias e a criação de gado no sudoeste da Amazônia (SANTOS; SCHIAVETTI, 2013).

Mais adiante, frente ao agravamento dos conflitos resultantes da disputa dos pescadores artesanais e industriais, entre 1988 e 2002, as Reservas Extrativistas Marinhas (RESEXMar) surgiram a partir da transferência de um modelo de manejo originário da Amazônia, que deu origem às primeiras Reservas Extrativistas (DIEGUES, 2008).

No entanto, uma importante questão legal diferencia as RESEX marinhas das terrestres: as RESEX-Mar lidam com a gestão de recursos que pertencem à coletividade, ou seja, o meio costeiro/marinho (SANTOS; SCHIAVETTI, 2013). Assim, os beneficiários da RESEX-Mar se apropriam recursos comuns do povo, sob a tutela do Estado. Neste sentido, a legislação brasileira não é clara quando trata da responsabilidade da gestão neste ambiente, uma vez que há diferentes definições de ordem legal provenientes de diferentes conjuntos de normas jurídicas (BRASIL, 1988; BRASIL, 2002). Estas diferentes definições geram dúvida com relação à clareza da legislação que embasa a aplicação do modelo RESEX para ambientes costeiros e marinhos. Além disso, nas áreas marinhas, o espaço assume uma perspectiva tridimensional: sua ocupação é sazonal, e, frequentemente, varia de acordo com o tipo de recurso explorado. (CORDEIRO; CURADO, 2007).

2.5 Histórico da RESEX-mar de Canavieiras

No Brasil, uma das instituições que tem como objetivo representar os pescadores e defender seus interesses é a Colônia de Pescadores, que pode figurar entre os participantes do Conselho Deliberativo das RESEX-Mar (ICMBIO, 2010b). Criadas por militares da Marinha no início do século passado, tinham como objetivo principal organizar os pescadores para contribuir no sistema de defesa do litoral brasileiro e não de defender os interesses econômicos e sociais da categoria.

Apesar dos pescadores estarem organizados em Colônias, esta estrutura ainda deixa muito a desejar no que se refere a um verdadeiro comprometimento com os interesses dos pescadores artesanais (SILVA, 2004). Poucas Colônias são dirigidas por pescadores, o mais comum é a entidade ser presidida por pessoas de outros segmentos, tais como vereadores, atravessadores e profissionais liberais (VASCONCELLOS et al., 2007). Desta forma, esta entidade acaba se desviando do propósito de sua criação e, com frequência, acaba servindo aos interesses das elites locais.

Além das Colônias de Pesca, há as Associações de Pescadores, estas atuam no sentido de mobilizar, conscientizar e organizar a base dos pescadores artesanais, buscando discutir temas de interesse da categoria (VASCONCELLOS et al., 2007). As Associações dos Pescadores possuem representantes que tem participação ativa nas discussões do Conselho Deliberativo, como no caso da RESEX-Mar de Canavieiras, Bahia (CARDOZO et al., 2012).

De acordo com Pereira (2016), com a criação da RESEX houve uma ampliação do diálogo entre as comunidades, levando a um aumento no número de organizações sociais presentes.

Nesse contexto de fortalecimento da organização social na RESEX, as lideranças comunitárias perceberam a necessidade de uma organização central que respeitasse as especificidades das entidades já existentes. Dessa forma, em 2009 foi criada a Associação Mãe dos Extrativistas de Canavieiras (AMEX), organização de base extrativista e de caráter democrático, com o objetivo de apoiar os processos de gestão da Unidade de Conservação (CURADO, 2014). A AMEX tem lutado para esclarecer os direitos dos beneficiários da RESEX, elaborando projetos sociais e garantindo o acesso a políticas públicas.

Com o apoio da ONU Mulheres, foi estabelecida em 2009 a Rede de Mulheres, braço feminista e feminino da AMEX, a partir da união das pescadoras e marisqueiras da região sul da Bahia e com o intuito de dar visibilidade às demandas e necessidades desse grupo. Além de dar visibilidade às demandas das mulheres, a Rede de mulheres também contribui para o engajamento político e garantia de direitos das pescadoras e marisqueiras.

A Rede de Mulheres engloba diretamente 600 pescadoras e marisqueiras, e, indiretamente, 1000 indivíduos locais. Esse número baseia-se na participação efetiva nas capacitações, reuniões, treinamentos, mobilizações e intercâmbio dentro das suas comunidades. De acordo com uma pesquisa realizada em 2013 com 356 participantes da Rede de Mulheres, a maioria reside no município de Canavieiras, seguidos pelo município de Ilhéus, Una e Belmonte.

3. MÉTODOS

3.1 Caracterização populacional e socioeconômica

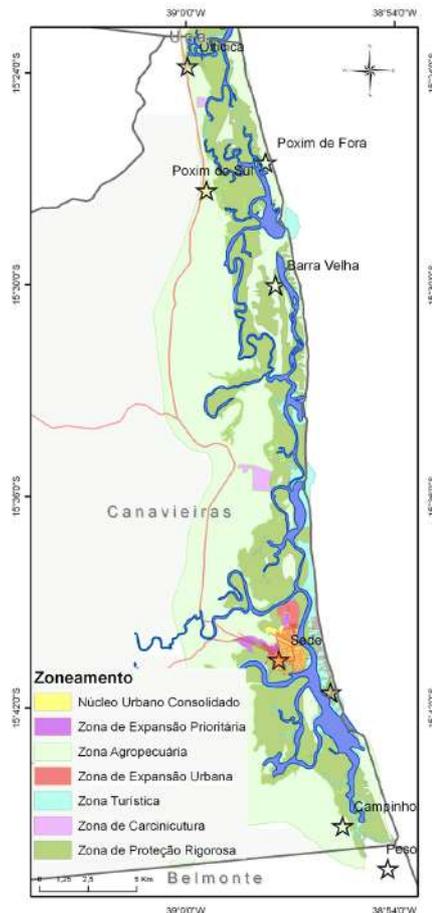
O estudo em questão realizou um levantamento descritivo quanto ao território da RESEX de Canavieiras, associando os indicadores populacionais, econômicos e sociais do município baiano, a fim de dispor uma contextualização detalhada dessa localidade.

De acordo com o relatório “A arte da pesca: análise socioeconômica da reserva extrativista de Canavieiras, Bahia” (CAVALCANTE et al., 2013), a Reserva Extrativista de Canavieiras surgiu por meio do Decreto de 5 de junho de 2006, que reconhece a área como pertencente aos municípios de Canavieiras, Belmonte e Una. O objetivo principal da criação da reserva foi proteger os meios de vida e a cultura da população tradicional, garantindo o desenvolvimento sustentável dos recursos naturais da localidade.

Esta unidade de conservação possui uma extensão de 100.646,00 hectares, e, desse total, 83% de oceano, 12% de restingas e manguezais e 5% de áreas de terra firme, administrados pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão vinculado ao Ministério do Meio Ambiente. De acordo com o Plano de Manejo Participativo (PMP) - RESEX Canavieiras, realizado pelo PANGEA em 2007, o processo de criação da unidade de conservação deu-se em 2001, quando um grupo de marisqueiras - lideradas por Vilma Xavier - formulou um abaixo assinado para a criação da reserva no município encaminhada ao IBAMA. Essa movimentação foi apoiada pelo sociólogo Orlins Pereira, no âmbito da prefeitura local na Secretaria da Ação Social, que fomentou a solicitação de abertura do processo de criação junto ao IBAMA/CNPT. (CAVALCANTE et al., 2013).

Em relação ao município de Canavieiras, este localiza-se na região econômica do Litoral Sul do Estado da Bahia. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o território do município abrange 1.334,295 km², sendo que 390 ha correspondem a área urbana. Já sobre sua posição geográfica, Canavieiras encontra-se numa região costeira com altitude de 4 metros acima do nível do mar, como é apresentado na Figura 01 (IBGE, 2010).

Figura 01 - Mapa do Zoneamento da RESEX de Canavieiras, 2011



Fonte: Imagem elaborada por Aniram Lins Cavalcanti. Mapa do Zoneamento da RESEX de Canavieiras, 2011: cedido pelo ICMBio: Plano de Manejo da RESEX de Canavieiras. Informe Gepec, Toledo, v. 17, n. 2, p. 81-99. jul./dez, 2013.

Ainda de acordo com IBGE (2018), o município baiano conta com cerca de 32 mil pessoas, sendo 26 mil correspondentes à população urbana, enquanto 6 mil residem em zonas rurais. A população é caracterizada como sendo 16,2 mil do sexo feminino, e os homens correspondem a 16 mil dos residentes totais (DataSebrae, 2010). A pirâmide etária de Canavieiras, segundo dados do IBGE - Cidades e o Atlas de Desenvolvimento Humano (2010), tem sua base alargada, o que demonstra números significativos de nascimentos. No entanto, a estimativa de vida no município atinge a marca de 72,74 anos.

Em termos econômicos, constata-se o perfil de Canavieiras como município deficitário financeiramente. Segundo dados do Censo Demográfico - IBGE Cidades (2010), o PIB per capita da região é de R\$ 9.333,93. Ademais, o percentual de receitas oriundas de fontes externas no ano de 2015 alcançou 94,3% da verba transferida para o orçamento fiscal. Nessa acepção, constrói-se uma ampla dependência financeira, na qual o poder local não consegue administrar as demandas dos cidadãos. O vínculo de resignação de recursos financeiros advindos por outros entes federativos ao qual o município se encontra é refletido de forma negativa no desempenho

governamental para aplicações de políticas públicas que sejam eficientes na cidade. O IDHM (Índice de Desenvolvimento Municipal) apresentou, no ano de 2010, um resultado de 0,590, valor que situa o município na faixa de desenvolvimento humano baixo.

Para elucidar o quadro de Pobreza e Desigualdade no município de Canavieiras, o Atlas Brasil (2010), aponta para um quadro preocupante na cidade: a porcentagem de indivíduos em situação de pobreza e extrema pobreza corresponde a 30,85% e 12,62%, respectivamente. A situação é ainda mais crítica quando se trata de vulnerabilidade social da cidade, visto que, as mulheres, que são chefes de família, sem escolaridade fundamental completa e com filho menor, corresponde a 21,96% da população (Atlas Brasil, 2010). Todos esses dados servem como panorama geral em relação ao contexto socioeconômico da região e, em certa medida, expressam como o ambiente de pobreza pode fortalecer a criação de movimentos sociais articulados como a RESEX de Canavieiras, a fim de gerar emancipação social e financeira de pescadores e mulheres marisqueiras.

De fato, a RESEX de Canavieiras tem grande atribuição no processo de desenvolvimento humano - mesmo que a região apresente baixos índices de bem-estar social, a articulação criada por pescadores e marisqueiras contribuiu para a continuidade ao acesso à condições mínimas de dignidade desses indivíduos. É nesse ambiente geográfico úmido que a atividade econômica da pesca artesanal pôde prosperar e torna-se uma forma de sustento para aqueles que dependem dela, perpetuando essa ação de forma tradicionalista - passado de geração a geração.

3.1 Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa, que tem por objetivo descrever e a decodificar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979a, p. 520). Em outras palavras, segundo Minayo (2000, p. 48), as pesquisas qualitativas podem ser compreendidas como "aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas".

Ademais, o método empregado foi com inspiração etnográfica. Esse método envolve um longo período de estudo em que o pesquisador fixa residência em uma comunidade e passa a usar técnicas de observações, contato direto e participação em atividades. O que importa,

nesses estudos, não é a forma de que os fatos se revestem, mas, sim, o seu sentido (NEVES; 1996; p. 3). Logo, pode-se dizer que esta abordagem, segundo Spradley (1997), envolve uma busca das partes de uma cultura e a relação entre essas partes com o todo, sendo, desse modo, um trabalho de descrição de uma cultura cuja a essência é compreender a forma da vida a partir do ponto de vista do informante.

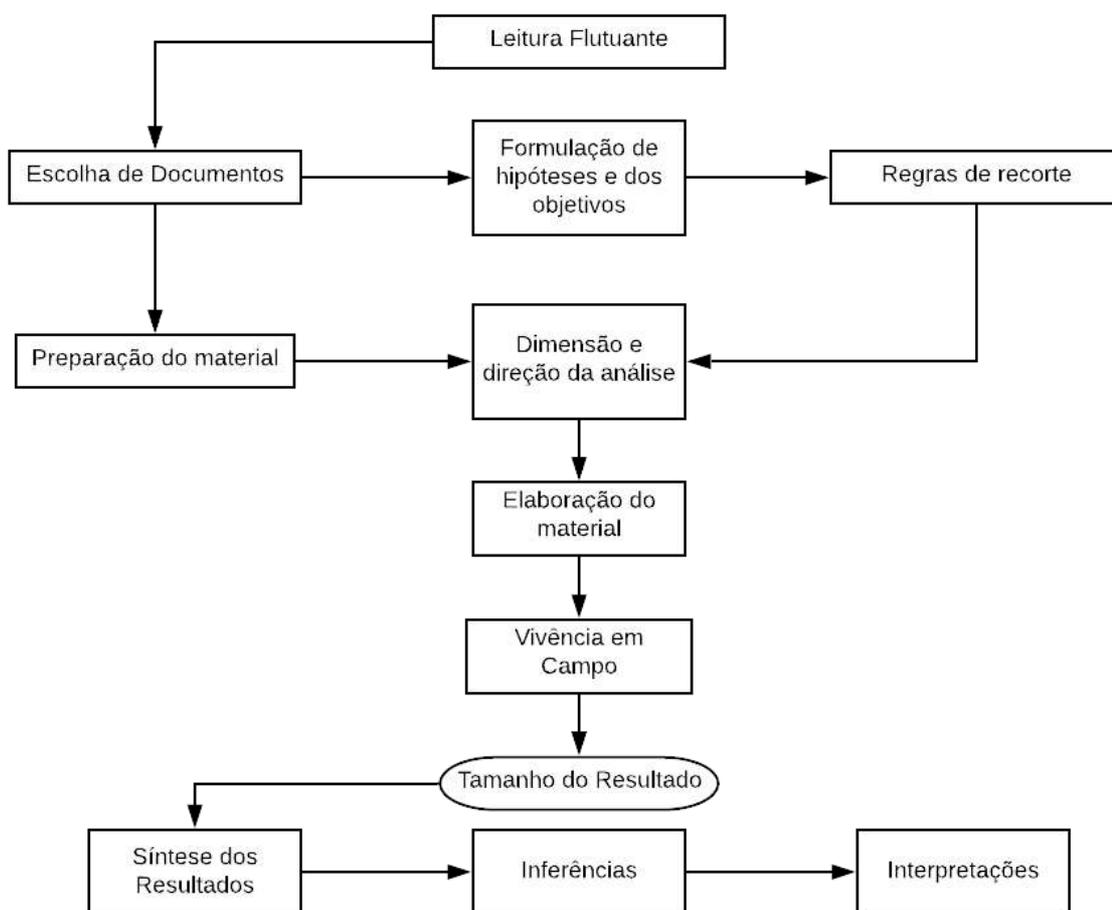
Por fim, este trabalho também possui caráter exploratório, dado que se foi ao campo para se investigar um fenômeno (as dinâmicas de trabalho e da vida da mulher envolvida na atividade marisqueira). Segundo Gil (1987), a pesquisa exploratória tem por objetivo “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 1987, p. 27).

Em suma, nesta pesquisa, obteve-se dados que emergiram do próprio campo, direcionada para observações e descrições das atividades realizadas no dia a dia das mulheres marisqueiras, que também são integrantes ativas no movimento social RESEX-AMEX. Com isso, a escolha da abordagem qualitativa-etnográfica, e que concede protagonismo às mulheres, se relaciona diretamente com o enfoque estabelecido para esta investigação - a qual se propõe observar a confluência das dimensões de gênero e trabalho mediante às narrativas das marisqueiras de Canavieiras (BA).

3.2 Procedimento de coleta e análise de dados

Este estudo utilizou-se de dados primários e secundários, a partir de entrevistas não-estruturada, observação *in loco* e análise de documentos setoriais, respectivamente. Pode-se observar o fluxo da estrutura de coleta e análise dos dados na Figura 02.

Figura 02 – Fluxo da estrutura metodológica



Fonte: Elaboração própria.

O processo de coleta e análise de dados se deu a partir da iniciativa de parceria entre Isabela Baleeiro Curado, professora da FGV - EAESP e assessora da Rede de Mulheres e da AMEX e o GVpesquisa - FGV - EAESP. Para a realização deste trabalho de campo foi concedido uma autorização do Órgão Federal Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o processo de autorização foi feito mediante cadastro no SISBIO (Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade), que configura-se como um sistema online responsável pelo gerenciamento da solicitação para a realização de pesquisa em unidade de conservação federal. A partir dos contatos estabelecidos entre a professora Isabela e os membros do movimento social RESEX-AMEX, bem como o devido cadastro no SISBIO e autorização do ICMBio, foi possível estabelecer as bases de investigação desta pesquisa. É importante destacar que o período de coleta de dados se deu entre os dias 04 a 24 de julho de 2019.

Em um primeiro momento, foi realizada uma análise documental a partir da leitura do trabalho de conclusão de curso desenvolvido pelos alunos da graduação de Administração de Empresa da FGV-EAESP, Isabella Cruvinel Santiago e Jonas Torralba Batista, acerca das mulheres marisqueiras da RESEX de Canavieiras. Já em um segundo momento, obteve-se acesso ao documentário realizado pelos mesmos em 2018, “Mães do Manguê”.

Em relação às entrevistas, o mapeamento, seleção e contato com as mulheres se principiou a partir da figura da professora Isabela Curado, devido sua ativa participação, trabalho e influência de anos no movimento RESEX-AMEX. Isabela indicou cinco sujeitos de pesquisa (três mulheres e dois homens) para que o processo de coleta de dados pudesse iniciar. A escolha desses seis personagens se deu, primeiramente, devido a sua significativa atuação no movimento social - são cinco personagens que ressignificaram suas vidas e seu trabalho a partir do movimento social, e que tinham fortes vozes dentro da Associação.

Assim sendo, para a coleta de dados em campo, buscou-se conviver intensamente com esses cinco sujeitos de pesquisa, especialmente com as quatro mulheres, compartilhando do seu cotidiano e afazeres sociais e profissionais. O conviver intensamente com essas mulheres gerou conversas em grupo - ou seja, uma entrevista com roteiro não estruturado. Durante essas conversas, deparou-se com diferentes narrativas e histórias de vida. A postura da dupla foi no sentido de estimular suas narrativas com o propósito de poder, também, construir informações e, assim, conseguir entender melhor a trajetória de cada uma, suas dificuldades como trabalhadora, e suas vivências como mulher.

O primeiro contato com duas das figuras femininas tomou lugar nas próprias residências das mulheres entrevistadas. Apenas uma delas o primeiro contato ocorreu na sede da RESEX-AMEX, porém já o segundo contato deu-se em sua residência pessoal. Enquanto ao primeiro contato com as duas figuras masculinas, este se deu dentro da sede da RESEX-AMEX. Lá, uma entrevista não-estruturada aconteceu por cerca de 1h com cada um deles e foram realizadas de acordo com a disponibilidade de horário dos dois.

O principal método utilizado para registro das informações foi via anotações literais das falas dos entrevistados ao longo das conversas. Outro método utilizado foi a manutenção de um Diário de Campo, que consta com observações e impressões dos eventos. Além disso, houve também a preocupação de manter registros audiovisuais da realidade observada.

Para além disso, durante o processo de coleta de dados, houveram oportunidades de participação de uma série de eventos culturais e cotidianos da vida desses cinco personagens, sendo: a) dormir nas comunidades de Puxim do Sul, Campinhos e Atalaia; b) idas ao manguê c) presença no casório de dois desses cinco personagens e a d) participação de reuniões

decisórias do Conselho da RESEX-AMEX. A participação nesses eventos também possibilitou o contato com outros moradores de comunidades ribeirinhas e que tinham a pesca como principal fonte de renda. Estes novos e rápidos contatos também deram margem à um maior entendimento do funcionamento social nessas comunidades. Logo, percebe-se que a participação nesses eventos foi essencial na coleta de dados e observação direta - diante disso, é válido destacar a abordagem com inspiração etnográfica deste estudo, tendo em vista a dimensão não só de observador, mas também de participante ativo, e, conseqüentemente, de “construtor” de significado do fenômeno por determinado tempo.

No caso da ida ao mangue é importante ressaltar que foram realizadas duas visitas em dois mangues distintos - um próximo à comunidade de Puxim do Sul, onde viviam dona Elialda e seu Rildo; e outro próximo à comunidade de Campinhos, onde viviam dona Marlene e sua neta Lilian. As idas ocorreram em dias e horários distintos, dado a presente situação da maré. Ademais, além de visitar os mangues que cercavam ambas as comunidades, a dupla também dormiu uma noite na casa de dona Elialda em Puxim do Sul; uma noite na casa de dona Marlene em Campinhos; e uma noite na casa de uma residente do Atalaia que no momento estava viajando.

Após a imersão em campo, foi realizada um levantamento bibliográfico com o intuito de mapear teorias e/ou conceitos que pudessem auxiliar na compreensão do fenômeno observado. Como pode ser observado no Quadro 01.

Quadro 01 – Levantamento dos dados analisados

Analisar a influência da dinâmica do empreendedorismo feminino e das relações sociais na consolidação e profissionalização das mulheres marisqueiras de Canavieiras, Bahia.			
Entrevistado	Evento Social	Evento Profissional	Documento secundário
Elialda	Vida privada - Puxim do Sul.	Processo de mariscagem.	Tese de Conclusão de Curso de Isabella Cruvinel Santiago e Jonas Torralba Batista.
Marlene	Vida privada - Campinhos.	Processo de mariscagem.	
Lilian	Vida privada - Campinhos.	Mediação de reunião na sede da RESEX - AMEX.	

Geisiane	Vida privada; Casamento - Atalaia.	Evento entre a comunidade de pescadores e marisqueiras da RESEX-AMEX.	
Carlinhos	Vida privada; Casamento - Atalaia.	Pesca de peixes e mariscos.	Artigo produzido por Isabela B. Curado para a 29ª Reunião Brasileira de Antropologia.
Rildo	Convivência em Puxim do Sul	Pesca de mariscos.	Pesquisa prévia das autoras sobre Regras Fitossanitárias.

Fonte: As autoras.

4. RESULTADOS

Primeiramente, é importante esclarecer que o processo de mariscagem vai muito além de apenas a ida e pesca no mangue, envolve uma série de etapas, que se desdobram em: preparação, deslocamento, beneficiamento, armazenamento e comercialização do marisco. No Quadro 2, pode-se observar como funciona o processo, bem como o levantamento das principais atividades que cada fase envolve.

Quadro 02 – Etapas e Atividades do processo de mariscagem

Etapa	Atividades correspondentes
Preparação	Separação dos materiais necessários para a pesca – tais quais roupas, protetores, merendas, recipientes para guardar o marisco pescado, anzol, etc.
Deslocamento	Ida ao mangue – pode ser feita a pé ou de canoa (às vezes, dependendo da maré, há necessidade de combinar ambos).
Coleta	Realização da coleta de aratu – a quantidade de horas de trabalho varia amplamente. Por exemplo, para pescar-se um quilo de aratu, são necessários pescar entre cem e cento e cinquenta, dependendo do tamanho.

Beneficiamento	Ferver, descascar e “catar” a carne do marisco.
Armazenamento	Armazena-se o “catado” em um congelador para manter-se fresco o sabor de sua carne.
Comercialização	Vendido por quilo. O marisco normalmente é vendido para atravessadores, e não para o consumidor final.

Fonte: As autoras.

Nas figuras 03 e 04, pode-se observar algumas etapas deste processo de mariscagem, que foram registradas por recursos audiovisuais, a primeira imagem consiste na etapa de pesca do aratu no mangue, no qual as pesquisadoras foram imersas para entender o funcionamento e as dificuldades dessa atividade diária. Já a segunda imagem, consiste na etapa posterior de cozimento dos aratus que foram capturados pelas mulheres marisqueiras nas condições que possuem.

Figura 03 – Fotografia de marisqueira da comunidade de Puxim do Sul pescando no manguezal



Fonte: As autoras.

Figura 04 – Fotografia de marisqueira da comunidade de Campinhos cozinhando aratu



Fonte: As autoras.

4.1 Análise dos resultados

A partir das observações diretas e múltiplos relatos pessoais, foram discutidas as principais fragilidades que permeiam as dinâmicas de vida e trabalho das marisqueiras. À vista disso, a partir da abordagem com inspiração qualitativa-etnográfica, que proporcionou o reconhecimento de uma realidade, buscou-se entendê-la à luz do referencial bibliográfico escolhido.

Diante disso, optou-se por agrupar os achados das observações de campo e as principais fragilidades observadas em seis grandes categorias de análise, que consistem em grupos que sintetizam as informações e dados que foram capturadas e analisadas neste estudo, essas categorias são parte do universo observado, que podem ser relacionados com a mulher empreendedora dentro deste contexto sociocultural, sendo elas:

- i) Saúde e ecossistema;
- ii) Acesso ao serviço público;
- iii) Conflitos locais;
- iv) Hierarquia de gênero;
- v) Grupo de fortalecimento feminino

4.2 Saúde e ecossistema

Os relatos das pescadoras e catadoras de Canavieiras indicam as precariedades que estas trabalhadoras têm de lidar no dia a dia do seu trabalho. Elialda, moradora da comunidade ribeirinha de Puxim do Sul, relatou que não utiliza botas durante suas idas ao mangue, pois não gosta de usá-las e acostumou-se a pescar descalças. Também disse que “estar sem sapatos auxilia na sua agilidade ao caminhar pelo no mangue”. Além disso, ela alega que realizar seu trabalho com botas facilita atolar na lama ou, até mesmo, cair em um buraco devido ao desequilíbrio causado pelo escorregamento gerado pelo atrito entre a sola da bota e a lama. Dessa maneira, fica claro que dona Elialda está facilmente suscetível a cortar os pés e/ou machucar as pernas.

Ademais, dona Marlene, moradora da comunidade de Campinhos, também comentou sobre outras dores que foram repercutindo em seu corpo devido aos seus longos anos na pesca “dores nas costas, nos joelhos, dores de cabeça e dor nos olhos”. A entrevistada também abordou sobre algumas manchas na sua pele geradas devido longas horas debaixo do sol. Além disso, contou que, mais antigamente, não se utilizava protetor solar para proteção cutânea e querosene, disse que já havia visto muitos pescadores vítimas de câncer de pele ou outras complicações devido ao uso contínuo e excessivo do contato direto do querosene com a pele.

As falas de ambas entrevistadas mostram uma situação de precariedade quanto ao uso de equipamentos de prevenção de acidentes nessa atividade. De acordo com Rosa e Mattos (2007), a pesca consta com trabalhadores que podem ter agravos a sua saúde devido ao esforço excessivo, aos problemas posturais e aos movimentos repetitivos, ocasionando doenças neuromusculares, problemas no sistema respiratório, traduzidos por sinusite, pneumonia e tuberculose, entre outras doenças.

Quanto à figura feminina, as mulheres pescadoras sempre trabalharam na captura de mariscos, aratu, siri - ou seja, peixes considerados inferiores - além de estarem presentes no beneficiamento de produtos, na confecção e reparo de apetrechos de pesca, como visto no quadro 02. Por esta razão, estão mais prejudicadas, visto que estão mais expostas à poluição e a especulação imobiliária são os estuários e mangues, locais onde predomina a presença feminina como trabalhadoras da pesca (MELO; LIMA; STADLER; s.a).

Figura 05 – Fotografia da pesquisadora durante o acompanhamento na atividade de pesca das mulheres.



Fonte: As autoras.

O trabalho é árduo, a margem de lucro é baixa e a condicionalidade do trabalho à fatores externos é alta, isso porque o ritmo de vida das mulheres que vivem em comunidades ribeirinhas e sobrevivem da pesca é condicionado totalmente pela maré. A maré é cíclica e com intervalos de aproximadamente seis horas torna a virar (movimenta-se entre “enchente” e “vazante”). A “maré grande”, ou seja, o movimento de “vazante”, é o momento mais propício para “mariscar”. Contudo, temperaturas frias de época de inverno, período em que realizamos o campo, também dificultam a execução do trabalho. Segundo Elialda:

“O aratu não gosta de frio, ele fica escondidinho. Quando está quente é mais fácil, você vê as bordas todinhas cheias de aratu”.

Foi relatado pelas entrevistadas que para conseguir um quilo de aratu, são necessários pegar de 100 a 150 deles (a depender do seu tamanho). É importante ressaltar que, conforme dito pelas marisqueiras, um catado com valor de venda tabelado em torno de R\$ 25,00 reais precisa ter, no mínimo 1kg. Nessa cadeia produtiva, a margem de lucro se concentra nos

atravessadores que comprem dessas pessoas e vendem para comerciantes a um preço elevado. Considerando o preço gasto com a gasolina para o barco, algo em torno de R\$ 50,00 reais. Constata-se a baixa margem de lucro mensal, em que em raros casos são superiores a um salário mínimo.

Sendo assim, é possível notar um agravamento da situação, considerando que com a diminuição dos estoques pesqueiros e estresse provocado pelos baixos rendimentos, muitos pescadores tentam compensar a situação indo cada vez mais longe, permanecendo mais tempo nos locais de pesca e menosprezando as condições adversas do meio, permitindo, assim, o aumento do risco de ocorrência de acidentes, esses muitas das vezes graves ou até fatais (ROSA; MATTOS; 2007).

4.3 Acesso ao serviço público

Como notado ao longo do campo, as comunidades ribeirinhas têm de lidar com o descaso e pouca atenção fornecida pelo Estado. Assim, as mulheres marisqueiras precisam viver num contexto no qual o acesso a políticas públicas é limitada. Lilian, neta de dona Marlene e moradora de comunidade ribeirinha, relatou sua trajetória de vida, dando um panorama sobre a juventude no contexto da comunidade de Campinhos e sua complexidade. Ela comentou sobre os problemas dos serviços públicos e acesso a saúde e educação pública fornecida na região, além de relatar também sobre a falta de segurança pública. Ao relatar sobre as dificuldades de acesso a políticas públicas, indiretamente demonstrou como a organização comunitária e as relações de força informais entres os indivíduos locais criam uma garantia de segurança.

"É muito difícil pra gente que é jovem conseguir uma oportunidade de estudo aqui. Não temos sinal de internet e os jovens que se formam no ensino médio não se sentem motivados a prestarem o Enem e ingressar na universidade" (Lilian).

Contudo, mesmo ainda bastante precário, o acesso a políticas públicas tende a aumentar.

"Antes não tinha luz aqui em Campinhos e os pescadores não tinham uma casa decente. Com o projeto de casa para pescador, eu pude ter a minha" (Marlene).

Além disso, outro entrevistado, senhor Rildo, morador da comunidade de Puxim do Sul, comentou sobre o acesso a outro serviço público - a carteira da associação dos pescadores, que dá direito ao seguro que os colonizados recebem em períodos de defeso. A despeito do seguro,

o entrevistado relata que a maioria da população acha que o trabalho dos pescadores cadastrados no RGP (Registro Geral da Atividade Pesqueira) é pouco útil e muitos burlam o sistema para conseguir esse benefício público. Como pode ser visto na fala:

“Tem criança registrada, idoso que não pesca mais, gente que já morreu...”
(Rildo).

4.4 Conflitos locais

Enquanto as comunidades ribeirinhas têm de lidar com o descaso governamental, a RESEX - AMEX lida com o ódio e repulsa do governo municipal de Canavieiras e seus aliados. Um casal de entrevistados, Gislaine e Carlinhos, ambos moradores da comunidade do Atalaia, relatou que o prefeito da cidade, bem como os grandes proprietários de fazendas de camarão e donos de pousadas são rivais declarados dos pescadores e da Resex. Um episódio na cidade bastante comentado entre os envolvidos relata o dia em que o prefeito alugou um trio elétrico e andou por toda cidade com comentários ofensivos, como pode ser visto: “Ele nos chamou de vagabundos” (Geisiane).

O acontecimento gerou ressentimento coletivo dos associados ao movimento pela prefeitura. Alguns efeitos dessa relação conflituosa ainda permanecem, as festas ligadas aos pescadores e marisqueiras não recebem orçamento público para sua execução. O apoio político que eles têm vem do governo do estado e de dois deputados que eles elegeram, ambos do partido dos trabalhadores. Um deles ainda apontou o STF como um aliado por uma decisão recente que ele considera amigável aos pescadores. Tal ocorrido é possível ser visto numa reportagem local, conforme Figura 06.

Figura 06 - Reportagem sobre as ações do Prefeito



Fonte: Blog Rádio Costa Sul (<http://www.costasulfm.com.br>).

4.5 Hierarquia de gênero

Como visto anteriormente, as mulheres têm tarefas múltiplas: quando chegam em suas casas, após o período de trabalho no mangue, elas são responsáveis também por tratá-los, retirarem a carne e comercializá-los com os atravessadores. Porém, as responsabilidades pelas atividades como organizadoras do lar, educadoras dos filhos e servir aos companheiros também são atividades rotineiras da vida das marisqueiras (DANTAS, 2010).

Essa realidade permeada pela hierarquia de gêneros é responsável por reproduzir relações de poder e desigualdades históricas, socialmente construídas. Isso significa que as 24 horas que correspondem a um dia de uma mulher devem estar bem distribuídas entre trabalho produtivo e reprodutivo, principalmente entre as que não possuem outra fonte de renda, exceto seu próprio trabalho na pesca.

Visto que seu ritmo de vida é o da maré, o trabalho produtivo orienta o tempo doméstico. Por isso, quase sempre, essas mulheres dormem poucas horas por noite devido seus afazeres, como a refeição que levará no próximo dia de trabalho e o almoço da família que deve deixar pronto para o dia seguinte.

Comparadas as horas entre o trabalho produtivo e reprodutivo, as horas do reprodutivo não podem ser medidas cronologicamente. Isso porque, parte-se da premissa que todos os

detalhes do ambiente privado devem estar sob responsabilidade da figura feminina ainda que ela tenha companheiro e que este também seja pescador. Essa realidade sugere que a identidade masculina continua a se reproduzir pela distância que os homens mantêm e procuram preservar na esfera doméstica. A pouca dedicação de tempo não pago pelos homens contribui para a mercantilização do cuidado, o qual, por sua vez, assume um claro perfil de gênero (SORJ, 2014). Outrossim, toda essa proximidade entre trabalho doméstico e produtivo levam a uma ausência de reconhecimento das atividades das mulheres na unidade doméstica e entre a comunidade de pescadores.

Além disso, segundo Melo, Lima e Stadler (s.a.), as políticas públicas não consideram suas especificidades enquanto mulheres, trabalhadoras e donas de casa, que vivem da pesca e luta para ter acesso às colônias, ao crédito e para reconhecimento dos direitos trabalhistas e previdenciários. A reprodução da hierarquia de gênero transparece no fato dos pescadores ainda dominarem o espaço público e área de poder, as colônias e o mar, enquanto o trabalho das pescadoras não é realmente visto como atividade pesqueira, mas como extensão do trabalho doméstico, pela diversidade e por realizado em regime de atividades familiares.

Com isso, percebe-se que as pescadoras jovens são mulheres que acordam cedo, trabalham na casa dos pais ajudando nos afazeres domésticos e na pesca, acompanhando os pais durante a pescaria e ajudando-os a carregar apetrechos e pescados; a inacessibilidade à educação e outras privações podem influenciar num contato precoce com drogas e/ou prostituição, gravidez adolescente, entre outros.

Em uma conversa com uma das entrevistadas, ela relatou um pouco sobre como começou a fazer parte da Rede e, posteriormente, deu um panorama geral da sua história de vida - ela relatou a violência e as tentativas de homicídio que sofreu, sendo que ela quase foi morta pelo ex-marido três vezes.

“Eu não queria me separar, porque eu achava que casamento era pra sempre. Então eu fui aguentando, mas chegou uma hora que não deu mais. Foi muito difícil, mas eu consegui”.

Outra entrevistada, além de relatar que teve não teve infância devido ao trabalho na pesca, também relatou que viveu por anos um relacionamento abusivo.

“Eu criei meus nove filhos sozinha, tudo com a pesca (...) o pai me machucava muito. Eu sofri muito. Ele bebia, chegava em casa e me batia. Já levei muito murro na cabeça, no rosto... Uma vez, ele me deu um murro no meu peito e até hoje eu sinto dor”.

A situação acima explicitada entra em total relação com os conceitos que foram discutidos na revisão bibliográfica do gênero nos espaços público e privado, e ainda, reforça e contribui para a literatura que aborda a construção da figura feminina no contexto pesqueiro. De acordo com Marques (1983), isso também significa dizer que a produção e reprodução do sistema capitalista tornam-se mais evidentes no trabalho da mulher, já que a mulher, além da tarefa econômica, carrega o peso da responsabilidade do trabalho, esteio da sobrevivência da família, e ainda lhe sobram as tarefas domésticas que são de sua exclusiva competência.

4.6 Grupo de fortalecimento feminino

Em relação ao trabalho na comunidade, as mulheres têm ganhado espaço, participando da Colônia de pescadores e Associações comunitárias, contribuindo para as reivindicações dos pescadores e marisqueiras da RESEX - AMEX. Além disso, as mulheres têm também um papel essencial no fortalecimento da relação entre elas mesmas, que contribui para a reprodução da cultura e dos meios de vida da comunidade. Nesse sentido, uma das entrevistas relatou o quanto a associação teve um papel significativo em sua vida, já que foi a partir dela – e com o grupo de mulheres – que teve consciência sobre os abusos físicos e psicológicos que havia sofrido.

A Rede trata de questões sobre violência e autocuidado de maneira transversal, e deflagra um objetivo último da Rede, que é justamente de exercer esse papel informativo e transformador na vida de outras mulheres. Pode-se entender, portanto, que a atitude da entrevista converge com duas frases pregadas pelo movimento feminista: “o privado é político” e “o pessoal é político” (SWAIN, 2011, p. 86).

O engajamento em rede do trabalho comunitário feminino também mostra-se responsável por auxiliar no trabalho em si (que passa a ser mais coletivo e estruturado) e cria a possibilidade de inserção das mulheres na discussão política, além de ajudar no processo de reconhecimento do próprio trabalho. Ou seja, as mulheres passam a reconhecer a pesca como trabalho digno por conta do contato com outras mulheres do ramo da pesca que estão engajadas nas associações e na Rede de Mulheres.

Assim, pode-se perceber que a própria luta por empoderamento feminino é uma das fontes de motivação e engajamento das mulheres participantes da RESEX - AMEX. O empoderamento significa que a mulher deve tomar para si seus direitos, revestindo-se e investindo-se de poder, visto que a “luta por seus direitos quem os reconhece, mas acima de tudo, quem se reconhece como digno deles” (FERRARI, 2013, p. 3).

Como discutido anteriormente, o mundo da pesca tende a privilegiar o sexo masculino (WOORTMANN, 1992). Ainda, esse privilégio soma-se ao fato da mulher ter um papel social no qual a é imposto ter múltiplas tarefas (DANTAS, 2010). Essa somatória cria uma necessidade urgente na construção de um grupo voltado unicamente para mulheres marisqueiras nas atividades da terra, tanto na questão familiar e de autoconhecimento do “ser mulher”, como também de reafirmar as atividades profissionais das mulheres na pesca, em seu sentido amplo, mesmo que intuitivamente.

Pode-se dizer, então, que a Rede de Mulheres acaba sendo uma rede intersetorial, com principal objetivo de aproximar as mulheres que o integram e empoderá-las. Nesse sentido, de acordo com Emirbayer; Goodwin (1994), rede intersetorial é uma estrutura em que convivem atores e suas relações, com seus ideais, quadros discursivos e mapas cognitivos, e de cuja constituição participam ideologias políticas e discursos culturais, que, nas suas convergências e divergências, podem afastar ou aproximar os sujeitos que a integram.

A rede pode viabilizar uma mobilização que capaz de formar o que se conhece por capital social - índices de capital social são também associados a uma maior equidade de gênero, constituindo-se em fatores que interessam, sobretudo, às mulheres, dado os papéis sociais que elas desempenham (CAIAZZA; PUTNAM, 2005). Na figura 06 tem-se a sede da associação das marisqueiras.

Figura 06 - Fotografia da fachada da Associação das Marisqueiras de Belmonte.



Fonte: Mar Moreno (marmoreno.com.br).

Ademais, o fato da Rede de Mulheres viabilizar a criação de uma Associação unicamente formada por mulheres pesqueiras e esta ter o apoio da ONU Mulheres, evidencia ações da ONU que têm sido realizadas na tentativa de cumprir com a ODS número cinco, na qual propõe-se alcançar a igualdade de gênero. O próprio recurso da ONU mulheres já representa um importante fomento na construção do autoconhecimento dessas mulheres e

podem representar importantes espaços para aliviar as privações da mulher na sociedade e enquanto “pescadeiras”.

No geral, essas categorias nos ajudam a entender como a mulher marisqueira tem sido presente nos espaços público e privado, bem como, nos ajuda a entender o papel desse grupo de mulheres em sua atividade profissional, além de ressaltar as diversas dificuldades e precariedades da atividade de pesca. Reconhecendo a importância do desenvolvimento de grupos femininos como a Rede de mulheres no empoderamento das mesmas, em que muitas vezes é base e sustento familiar de muitas delas. Isso significa dizer que a participação ativa da mulher na esfera pública implica assumir responsabilidades que, na maioria das vezes, se acumulam com aquelas tradicionalmente imputadas às mulheres no cuidado do lar e da família (FIGUEIREDO; MELO; MATOS; MACHADO, 2015).

Empreender como um ato de coragem, para as mulheres, também diz respeito a desafiar as barreiras invisíveis que a sociedade patriarcal impõe ao trabalho feminino na esfera pública, chamadas no jargão dos estudos de gênero como *glass ceiling* e que também se impõe como obstáculo para o empreendedorismo (MORRISON; WHITE; VAN VELSOR, 1987; MOORE; BUTNER, 1997; GODWIN; STEVENS; BRENNER, 2006).

5. CONCLUSÃO

A inserção do catado de aratu e/ou siri, produtos comercializados pelas mulheres marisqueiras, pode representar no mercado e rotas gastronômicas de circuitos turísticos diversas dificuldades, mas também oportunidades que podem ser exploradas em mercados locais próximos à Canavieiras e Belmonte.

Através de fragmentos da narrativa dos entrevistados, da análise de dados, e da reflexão teórica, foi possível identificar que a profissionalização de uma atividade econômica considerada predominantemente masculina não se faz sem conflitos. Os principais impasses identificados podem ser vistos no quadro abaixo:

Quadro 01 – Levantamento dos principais impasses avaliados

Categorias	Descrição sumária
<i>Saúde e Ecossistema</i>	O processo de “mariscagem” possui diversos efeitos no corpo humano, tais quais: dores nos joelhos, nas costas e na cabeça, ou seja, dificuldades sobre o bem-estar dessas mulheres. Ainda, observa-se o fluxo de trabalho das pescadoras, totalmente condicionado ao ritmo da maré.
<i>Acesso ao Serviço Público</i>	As comunidades ribeirinhas têm de lidar com a pouca atenção fornecida pelo Estado, o que culmina na dificuldade de acesso de políticas públicas específicas.
<i>Conflitos Locais</i>	A RESEX - AMEX tem de lidar com o ódio e repulsa de atores locais como o governo municipal de Canavieiras e outros empreendedores locais.
<i>Hierarquia de Gênero</i>	Existe um papel social inerente à mulher de responsabilidades domésticas. Isso significa dizer que é papel da mulher cuidar de casa, em seu âmbito privado. Sendo assim, as mulheres possuem múltiplas jornadas, sendo necessário dividir seu tempo em trabalho produtivo e reprodutivo.

Fonte: As autoras.

Com isso, percebe-se que a exposição da mulher na esfera pública através da ação empreendedora provoca instabilidade no sistema patriarcal, em que as características concretas e ideais serviram de anteparo para forjar a identidade feminina hegemônica, sendo diversos os fatores que contribuem como barreiras na criação da figura feminina como pescadora e empreendedora. Isso implica que o delinear de um projeto profissional, a partir de uma prática costumeiramente identificada como masculina, requer que a mulher desconstrua os padrões de comportamento esperados e estabeleça novos vínculos com o espaço público e, ainda, reformule seus vínculos e posicionamentos no espaço privado. Nesse sentido, a “feminilização” no mundo do trabalho pode ser positiva e representar um avanço no processo de emancipação feminina no âmbito social e profissional.

REFERÊNCIAS

- ATLAS BRASIL. *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil - Canavieiras, BA*. s.a. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/canavieiras_ba#renda>. Acesso em: 01 set. 2019.
- BIROLI, F. Gênero e família em uma sociedade justa: adesão e crítica à imparcialidade no debate contemporâneo sobre justiça. *Rev. Sociol. Polít.*, v.18, n. 36, p. 51-65, 2010.
- BRASIL. Ibge Cidades. Governo Federal. *IBGE Canavieiras*. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/canavieiras/panorama>>. Acesso em: 01 set. 2019.
- BRASIL. Unidade de Conservação no Brasil. Instituto Socioambiental. *RESEX de Canavieiras*. 2018. Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/4481#ambiente>>. Acesso em: 26 set. 2019.
- CAVALCANTE, A. L. et al. A arte da pesca: análise socioeconômica da reserva extrativista de Canavieiras, Bahia. 2013. *Rev. Informe Gepec*, Toledo, v.17, p.81-99, 2013.
- CORTEZ, B.; SOUZA. Mulheres (in)Subordinadas: o Empoderamento Feminino e suas Repercussões nas Ocorrências de Violência Conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.24, n. 2, p. 171-180, 2008.
- CURADO, B. Resex Canavieiras: Articulação Social como Resposta aos Conflitos Vivenciados na Criação da Unidade. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal, 2014.
- CRUVINEL, S.; TORRALBA, B. *Mãe do Mangue: trabalhos e desafios das mulheres marisqueiras da RESEX de Canavieiras*. – 2018. 52p.
- DANTAS, S. Nas Marés da Vida: Histórias e Saberes das Mulheres Marisqueiras. *Fazendo Gênero*, v. 9, n. 1, p, 1-10, 2010.
- FRYE, M. *Oppression and Resistance: Frye's Politics of Reality*. *Hypatia*, v. 1, n. 1, p. 149-166.
- HEFFEL, M.; SILVA, V.; LONDERO, C. A Construção da Autonomia Feminina: O empoderamento pelo capital social. *XII CONAGES, XII Colóquio Nacional Representações de Gêneros e Sexualidades*. p, 1-10. s.a.
- JONATHAN, G.; SILVA da R. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. *Psicologia & Sociedade*, v.19, n. 1, p. 77-84, 2007.
- MAUÉS-MOTTA, A. Pesca de Homem/Peixe de Mulher (?): Repensando Gênero na Literatura Acadêmica sobre Comunidades Pesqueiras no Brasil. *Etnográfica*, v.3, n. 2, p. 377-399, 1999.
- MELO, de M.; LIMA, S.; STADTLER, C. *E pescadora pesca? Reprodução da Hierarquia dos Gêneros entre Pescadoras Artesanais*. II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais –

culturas, leituras e representações. Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. s.a., p.9.

MITTERMEIER, R.; FONSECA, G.; RYLANDS, A.; BRANDON, K. 2005. Uma breve história da conservação da biodiversidade no Brasil. *Megadiversidade*, v.1, n. 1, p. 14-21, 2005.

OLIVEIRA, de B. Narrativas em rede: o feminismo negro nas redes sociais. Anais do I *Seminário Nacional de Sociologia da UFS*, p. 810-823, 2016.

RODRIGUES, G.; GADENZ, D; RUE, la de A. Feminismo.com: o movimento feminista na sociedade em rede. *Derecho y Cambio Social*, p. 1-28, 2014.

SILVEIRA, A; GOUVÊA de T. Empreendedorismo Feminino: Mulheres gerentes de empresas. *FACES R.Adm*, v.7, n. 3, p. 124-138, 200.

SORJ, B. Socialização do Cuidado e Desigualdades Sociais. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 26, n.1, p. 123-128, 2014.

BULGOV, Y. CAMARGO, D.; CUNHA. S.; MEZA, M.; SOUZA, M.; TOLFO, S. Atividade empreendedora da mulher brasileira: Trabalho precário ou trabalho decente?. *Psicol. Argum.* 2010. p. 28(63), 337-349.

LAGES, S.; Desafios do empreendedorismo feminino: Uma reflexão sobre as dificuldades das mulheres pobres na condução de projetos geradores de renda. *Estação Científica*.

FIGUEIREDO, M.; MELO, A.; MATOS, F.; MACHADO, D.; Empreendedorismo feminino no artesanato: Uma análise crítica do caso das rendeiras dos Morros da Mariana; *IBEPES*. 2015. Disponível em <<http://www.periodicosibepes.org.br/recadm/> doi: 10.21529/RECADM.2015010>. Acesso em 01 out. 2019.